

ARTIGO

JOSÉ LEAL PRADO DE CARVALHO E ELINE SANT'ANNA PRADO

CIÊNCIA, GÊNERO E FINANCIAMENTO DA FUNDAÇÃO ROCKEFELLER

RICARDO DOS SANTOS BATISTA

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7959-5929>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a viagem de Eline Sant'Anna Prado e de José Leal Prado de Carvalho ao exterior com o financiamento da Fundação Rockefeller. Inicialmente, o médico solicitou uma bolsa para sua esposa, mas não teve sucesso. A partir deste exemplo, compreende-se como mulheres com acesso limitado a bolsas por normas sutis de gênero viajaram com seus maridos com o objetivo de também se aperfeiçoarem profissionalmente. São utilizados como fontes documentos coletados no *Rockefeller Archive Center* e no *Research Family*, analisados a partir do método onomástico, que propõe a ligação nominal para tecer redes de relações entre indivíduos. Conclui-se que, a despeito das dificuldades encontradas por Eline, enquanto uma mulher, ela manteve suas atividades como cientista e ofereceu contribuições para o conhecimento científico.

PALAVRAS-CHAVE: Fundação Rockefeller, Bolsistas, Trajetórias, Circulação do Conhecimento.

JOSÉ LEAL PRADO DE CARVALHO AND ELINE SANT'ANNA PRADO

SCIENCE, GENDER AND FUNDING FROM THE ROCKEFELLER FOUNDATION

ABSTRACT: This article aims to analyze the trips abroad made by Eline Sant'Anna Prado and José Leal Prado de Carvalho with funding from the Rockefeller Foundation. Initially, the doctor requested a scholarship for his wife but was unsuccessful. Based on this example, it is understood how women with limited access to scholarships due to subtle gender norms traveled with their husbands with the aim of also improving their professional skills. The sources used are documents collected at the Rockefeller Archive Center and the Research Family, analyzed using the onomastic method, which proposes nominal connections to weave networks of relationships between individuals. The conclusion is that, despite the difficulties encountered by Eline, as a woman, she maintained her activities as a scientist and made contributions to scientific knowledge.

KEYWORDS: Rockefeller Foundation, Scholarship Holders, Trajectories, Circulation of Knowledge.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v84p465-489>

Recebido em: 27/06/2025

Aprovado em: 17/10/2025



Os estudos sobre a vida de bolsistas se multiplicaram nos últimos anos e vêm se consolidando como um campo especializado da historiografia, que se debruça sobre aspectos políticos, econômicos e culturais derivados do financiamento de instituições públicas e privadas a pesquisadores ao redor do mundo e em diferentes temporalidades. Nesse sentido, se analisam as experiências de indivíduos em intercâmbios e os impactos da formação na sua atuação. Para Tournès e Scott-Smith (2018), os programas de bolsas de estudo raramente foram considerados um tema digno de investigação. Enquanto as ciências sociais (a exemplo da psicologia, da sociologia, da pedagogia etc.) produziram dados importantes sobre utilidade, transferência, impacto e melhores práticas, somente com a crescente popularidade da história transnacional e global os estudos históricos se popularizaram. Até então, os resultados da pesquisa:

Primeiro, eram superficiais porque os historiadores frequentemente mencionavam as trocas apenas de passagem e com pouca profundidade analítica. O tópico se insere entre diferentes campos de investigação: relações internacionais, história da ciência, história cultural, história do ensino superior, história da filantropia e história da migração. Por muito tempo, nenhum desses campos considerou os programas de bolsas de estudo como um tópico de estudo sério por direito próprio.

[...]

Em segundo lugar, pesquisas históricas anteriores tendem a ser hagiográficas, porque muitos estudos foram escritos por atores envolvidos em intercâmbios que celebram a história e o impacto de seus respectivos programas (Tournès; Scott-Smith, 2018, p. 2-3, tradução do autor).

A maioria das pesquisas sobre bolsas de estudo foi construída em torno de duas perspectivas epistemológicas diferentes. Em uma primeira vertente, os programas são estudados sob uma perspectiva institucional e vistos como histórias de sucesso. Em outra, os programas de bolsas são considerados instrumentos de *soft power*,¹ especialmente norte-americano (Tournès; Scott-Smith, 2018). Contudo, nenhuma dessas perspectivas identificou a natureza complexa das bolsas de estudo e trânsito de pesquisadores, porque ambas

¹ *Soft Power* corresponde à capacidade de influenciar o outro sem usar coerção. Têm-se aí a influência de uma cultura sobre outra.

tendem a interpretá-las em termos de simples sucesso ou fracasso, usando bolsistas famosos e estatísticas por país ou área como indicadores únicos.

Portanto, é necessária uma perspectiva mais ampla e profunda para considerar os programas de bolsas de estudo como um objeto específico de interesse vinculado a desenvolvimentos técnicos, políticos, sociais, culturais e econômicos. Para isso, os atores envolvidos — tanto como administradores quanto como participantes — são os principais alvos da investigação (Tournès; Scott-Smith, 2018, p. 45, tradução do autor).

No Brasil, um número significativo de trabalhos sobre trajetórias de bolsistas da Fundação Rockefeller (FR) foi publicado recentemente (Batista, 2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2020c; Batista, Ferreira, 2021; Batista, 2023; Batista, Porto, Ferreira, 2023; Ferreira, Batista, 2024) e se alinha ao movimento historiográfico internacional. Estas publicações se debruçam, especialmente, sobre os percursos profissionais de homens e de mulheres no campo da medicina e da enfermagem, e contribuem para a compreensão sobre como os contextos locais e as decisões dos indivíduos influenciavam os rumos das suas vidas profissionais. Por fim, demonstram que muitos bolsistas não atenderam às expectativas propostas pela Rockefeller.

A FR surgiu em 1913, pela filantropia de John Dawson Rockefeller, e desenvolveu ações de saúde pública com a sua Comissão Internacional de Saúde, entre 1913 e 1916; nomeada Conselho Internacional de Saúde entre 1916 e 1927; e Divisão Internacional de Saúde, de 1927 até seu fechamento em 1951 (Farley, 2004, p. 2). Durante a primeira metade do século XX, a agência investiu na tentativa de erradicar enfermidades em diferentes locais do mundo com métodos de baixo custo e rápido efeito. Como exemplo, é possível citar o projeto piloto que foi desenvolvido na América Central e Caribe, que contribuiu para estabelecer um método aplicado em regiões como a América Latina (Palmer, 2015).

Outra doença que concentrou expressivos investimentos da Rockefeller foi a febre amarela. Inicialmente a agência defendia a teoria dos “foco-chave”, para a qual a enfermidade só se manifestaria em grandes centros urbanos litorâneos. No entanto, as evidências mostraram que era necessário retornar ao campo (para fazer coletas) e ao laboratório (para o estudo científico) com o objetivo compreender melhor a sua etiologia: em 1926 ocorreu uma epidemia com surtos de febre amarela em cidades do interior do Nordeste, colocando a

consagrada teoria em xeque (Benchimol, 1999; Batista, Souza, 2020; Batista, 2021). E, por fim, a malária foi a terceira grande enfermidade combatida pela FR, notadamente no estado do Rio Grande do Norte, nos anos de 1930 e 1940, marcados pela Política da Boa Vizinhança (Lopes, 2020).

A partir de 1951, os investimentos da Rockefeller em saúde declinaram e ela direcionou seu interesse às ciências básicas, desenvolvidas em laboratório. O termo “biologia molecular” foi criado por Warren Weaver, diretor da Divisão de Ciências Naturais da Rockefeller, em 1938, e pretendia capturar a essência do programa desenvolvido pela Fundação, com ênfase nos detalhes das “entidades biológicas”. O projeto envolveu profissionais das ciências da vida, a exemplo da biofísica, da imunoquímica, entre outros, e possibilitou uma “molecularização da ciência” (Marinho, 2020; Kay, 1993).

Entre os anos 1940 e 1950, a ampliação do programa da Divisão de Ciências Naturais na América do Sul ficou sob os auspícios de Harry Miller Jr., que investiu no desenvolvimento de pesquisa em ciências básicas, pautadas no modelo de excelência científica norte-americano e no ideal de cooperação. Simultaneamente, um programa voltado para a modernização da educação em escolas médicas da América Latina, da Divisão de Educação Médica e Saúde Pública (MEPH) da Rockefeller, foi organizado por Robert Briggs Watson (Porto, 2021).

Áreas como bioquímica, fisiologia e farmacologia foram incentivadas pela FR. Um exemplo interessante, nesse sentido, foi a criação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto, na qual se estabeleceram departamentos voltados às ciências básicas com largo apoio financeiro e institucional da agência internacional (Marinho *et al.*, 2024 (Batista, 2024). De acordo com Cueto (2021), a importância que a genética, a biologia molecular e a biofísica adquiriram naquele momento, com o apoio da Rockefeller, se associou a promessas de compreender melhor as populações locais em esforços que, sutilmente, aplicaram um matiz racista parecido com a eugenia da década de 1920.

Ao longo da sua atuação global, a agência internacional financiou o aperfeiçoamento profissional de homens em campos como engenharia e medicina, e de mulheres, majoritariamente, no estudo da enfermagem. Essa diferenciação fez parte de um processo de construção social que influenciou padrões de masculinidade e feminilidade no Brasil Republicano, que não

correspondiam exatamente às experiências dos indivíduos. A enfermagem, por exemplo, se constituiu, ao longo do século XX, como “feminina” em função da sua íntima relação com o “cuidar”, característica historicamente atribuída às mulheres nas sociedades Ocidentais.

Muitas profissões atribuídas às mulheres, naquele momento, mantinham alguma vinculação com o âmbito privado e, conseqüentemente, eram desvalorizadas em relação às profissões consideradas socialmente adequadas aos homens. Até o momento, pouco se investigou sobre as trajetórias de mulheres financiadas pela Rockefeller em áreas diferentes da enfermagem, a exemplo da fisiologia, farmacologia e bioquímica.

Nos anos 1970, quando questionado sobre a presença feminina no programa coordenado por ele, Harry Miller Jr. respondeu que a Fundação não tinha preconceito com mulheres, mas elas “não eram tão bem-sucedidas quanto os homens, havia muitos fatores, um deles era o casamento e o abandono total da profissão” (Miller JR., 1991, p. 13). A fala de Miller mantém relação com os objetivos da Rockefeller de criar “sementes iniciais”, ou seja, profissionais que se formassem no exterior, retornassem para seus países e replicassem o conhecimento apreendido, conforme apresentado por Marinho (2013). Mas também apresenta um preconceito de gênero sobre as trajetórias femininas nas ciências, vistas como fragmentadas ou abandonadas em função das atribuições consideradas obrigatórias para as mulheres, a exemplo das conjugais, o cuidado com o lar e a maternidade.²

As concepções de Miller Jr. estão relacionadas aos lugares profissional, racial e de gênero ocupados por ele. O fato de ser um homem branco, cientista norte-americano, nos anos 1940, em um contexto que considerava as mulheres como naturalmente subordinadas aos seus maridos, certamente influenciou sua reflexão sobre a presença feminina nos programas da Rockefeller com ênfase em ciências básicas.

Na virada do século XIX para o século XX, a “condição feminina” apresentava diferenças significativas, se levadas em consideração questões fundamentais como classe e raça. Enquanto as mulheres das elites econômicas eram marcadas socialmente por vínculos de dependência em

² Gênero é entendido aqui como uma construção social e cultural que pode ser utilizada para compreender, as relações de poder elaboradas entre sexos. Por isso, o gênero é uma categoria útil de análise histórica, conforme definiu Joan Scott (2017).

relação aos seus pais e maridos, visto que não podiam sair às ruas desacompanhadas sob pena de terem sua honra questionada, as mulheres negras e empobrecidas se utilizavam do espaço público para ganhar o seu sustento, em atividades como venda de quitutes (Ferreira Filho, 2003). Em relação à organização das lutas feministas de mulheres brancas e, em certa medida abastadas, a primeira “onda”³ do movimento ocorreu na década de 1930, com a reivindicação do sufrágio universal e do direito de uma educação igualitária entre homens e mulheres. Já a segunda “onda”, ocorrida somente nas décadas de 1960-1970, priorizou o direito ao próprio corpo e à sexualidade (Pinto, 2023), ao passo que as mulheres negras que integravam o Movimento Negro Unificado, nos anos 1970, fundavam o feminismo negro com o objetivo de dar visibilidade às suas especificidades enquanto mulheres, em relação aos homens negros. Contudo, naquelas décadas, muitas mulheres ainda eram tratadas socialmente como inferiores em países da América Latina e lhes requisitavam comportamento submisso a seus maridos.

Este texto tem como objetivo analisar a viagem Eline Sant’Anna Prado e de José Leal Prado de Carvalho ao exterior, com a bolsa que o último recebeu da FR. Compreende-se como mulheres cientistas casadas com homens cientistas aproveitavam o financiamento dos seus maridos para desenvolver habilidades e se aprimorar profissionalmente. O argumento central defendido é que elas eram preteridas na concessão das bolsas em função de questões de gênero, como indica a fala controversa de Miller.

Sabe-se que, desde as primeiras décadas do século XX, outras mulheres viajaram com seus maridos em missões científicas ou capacitação no território nacional ou exterior, como os casos das pesquisadoras Maria von Paumgarten Deane e Dina Dreyfus, que receberam fomento para desenvolver suas pesquisas ao lado de seus cônjuges. Na década de 1950, foi a vez de José Leal Prado de Carvalho, professor da Escola Paulista de Medicina (EPM), e Eline Sant’Anna Prado, Assistente de Química Fisiológica, viajarem para a Europa e para os Estados Unidos. Mas, diferente do que afirmou Harry Miller Jr., o casamento e a maternidade não funcionaram como empecilho para que Eline Sant’Anna Prado atuasse como uma pesquisadora, como será possível

³ O conceito de “ondas” do feminismo tem sido criticado atualmente por diferentes motivos como, por exemplo, que as ondas seriam momentos passageiros, o que desprezaria a continuidade do movimento, e que não haveria intersecção com classe e raça.

observar. Ela, inclusive, contribuiu significativamente com o conhecimento científico ao caracterizar a bradicinina – um hormônio polipeptídico com atividade fisiológica natural no ser humano – e o sistema hipertensor renal.

Um casal de jovens cientistas e o programa de bolsas

Eline Sant'Anna Prado nasceu em 17 de outubro de 1921. Estudou o ensino primário e secundário em Piracicaba e se graduou em Química pela Universidade de São Paulo, em 1942. Trabalhou inicialmente na Laborterápica S.A. Indústria Química e Farmacêutica. Entre 1943 e 1946, estabeleceu uma tecnologia para fabricação de insulina cristalizada e lançou a primeira insulina nacional para fins terapêuticos. Entre 1946 e 1948, com apoio financeiro da Laborterápica estudou pós-graduação na McGill University, Montreal, Canadá, onde obteve o título de Mestre em Ciências com dissertação no campo de química de esteroides (Juliano Neto, 2015). No retorno ao Brasil, iniciou desenvolvimento de processo para extração de colesterol do cérebro e síntese da vitamina D3, mas abandonou esse projeto porque a associação da Laborterápica com a companhia americana Bristol resultou em interesse limitado pela área de antibióticos (Juliano Neto, 2015). Em sua atuação na Laborterápica manteve colaboração científica com José Leal Prado de Carvalho e com Maurício Rocha e Silva, pesquisador do Instituto Biológico. Em 1951, aceitou a posição de Assistente de Bioquímica na EPM, consolidando a colaboração científica com seu esposo (ABC, s.d.).

Luiz Juliano Neto divide a produção científica de Eline Sant'Anna Prado por décadas. Entre 1950 e 1959, sua atuação se concentrou na análise de componentes ativos em músculo liso liberados do plasma tentativamente isolados ou enriquecidos por métodos de cromatografia.⁴ Nesse caso, os componentes mais estudados por ela foram a cininas e angiotensinas que, naquela época “tiveram suas estruturas determinadas e as sínteses obtidas pelas empresas Sandoz (bradicinina) e Ciba (angiotensina II)” (Juliano Neto, 2015, p. 167). Entre 1960 e 1969, a pesquisadora se dedicou ao processo enzimático de liberação e processamento das cininas, visto que a bradicinina

⁴ Cromatografia pode ser definida como uma técnica para separar, identificar ou analisar os itens de uma mistura, com base na diferença de interação dos compostos com uma fase estacionária e uma fase móvel.

– que ela ajudou a caracterizar – já tinha estrutura determinada, mas as metodologias para obtê-la em sua forma pura, a partir de frações do plasma bovino ou humano, eram limitadas. Entre 1970 e 1979 ela se dedicou à especificidade da calicreína urinária equina, uma enzima encontrada na urina de cavalos, que podia ser purificada e estudada por suas propriedades. E, entre 1980 e 1995, atuou na aplicação e desenvolvimento de substratos peptídeos sintéticos, ou seja, em moléculas de peptídeos criadas artificialmente em laboratório para serem utilizadas em pesquisas e aplicações biotecnológicas (Juliano Neto, 2015, p. 167).

Embora não tenham sido encontradas informações mais detalhadas sobre a origem social de Eline Sant’Anna Prado, é muito provável que sua família integrasse elites econômicas e/ou letradas paulistas. O acesso ao estudo, nos anos 1940, especialmente nas ciências básicas, era visto como de “domínio” masculino, no qual muitas mulheres encontravam empecilhos para ingressar.

José Leal Prado de Carvalho nasceu na cidade de Alfenas, em Minas Gerais, em 8 de setembro de 1918. Naquele ano, muitas pessoas morreram de influenza ou “gripe espanhola”, em uma pandemia que assolou vários países. Esse evento, somado à ação de movimentos nacionalistas como a Liga Pró-Saneamento Rural – que defendia a criação de um órgão centralizador da saúde no Brasil e criticava os excessos do federalismo – foi fundamental para que dois anos depois surgisse o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), primeiro de extensão nacional, respeitando as prerrogativas federalistas, que funcionou a partir de acordos firmados pelos estados com a União (Hochman, 1998; Batista, 2025).

O médico era filho de Aprício de Carvalho Junior e de Rosina Prado de Carvalho, ambos professores, que também eram pais de Newton Prado de Carvalho, advogado e procurador; Delvo Prado de Carvalho, engenheiro; e Rachel Prado de Carvalho, professora. Aprício foi professor primário até ingressar como docente de Toxicologia na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Alfenas, onde exerceu o cargo de diretor, via eleição, entre 1946 e 1947. Além disso, era incentivador da arte e dirigiu diferentes grupos de teatro amador em Alfenas. Já Rosina era professora primária (Aprício de Carvalho Jr., s.d.).

Acredita-se que José cresceu cercado por um ambiente intelectual propício ao seguimento de carreiras características das elites letradas de Minas Gerais na primeira metade do século XX. Ele cursou o ensino secundário no colégio Municipal de Alfenas, entre 1929 e 1933, e a Faculdade de Medicina de Minas Gerais, em Belo Horizonte, de 1934 a 1940 (The Rockefeller Foundation, s.d. p. 2). Durante a graduação, iniciou os trabalhos junto a José Baeta Viana, que havia sido bolsista da FR e criou uma “escola” de bioquímicos entre os seus estudantes (Marques, 2021). Se diplomou em medicina em 1940 e, em 1943, se transferiu para São Paulo a convite dos professores José Ribeiro do Valle e Dorival Macedo Cardoso, para atuar junto à cadeira de Química Fisiológica da EPM. Além disso, desenvolveu pesquisa experimental em Fisiologia Endócrina no Instituto Butantan até 1947 quando, convencido da necessidade de permanecer em tempo integral na Escola de Medicina, fundou o Laboratório de Farmacologia e Bioquímica (José Leal Prado De Carvalho, s.d.).

Eline e José se casaram em 7 de maio de 1945. No período em que ela esteve no Canadá (1946-1948), logo após o matrimônio, ele a acompanhou como bolsista do *Canadá-Brazil Trust Fund*, no Instituto Experimental de Medicina e Cirurgia da Universidade de Montreal e no Departamento de Bioquímica da mesma Universidade em que ela estudou (Autobiographical Notes, s.d., p. 2).

É possível que a ida de José Leal para a EPM tenha influenciado a escolha da cientista pela mesma instituição, um ano após o casamento. Sobre o surgimento da instituição paulistana de ensino, ela foi criada como meio de expandir o ensino médico em São Paulo. De acordo com André Mota (2005), desde 1891, a legislação paulista previu a criação de uma escola de medicina, mas a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo só foi fundada em 1913. Ela foi reformada, em 1924, com as transformações empreendidas por Pedro Dias e, em 1932, pelo decreto 5.351 de 16 de janeiro, com o objetivo de se adaptar às mudanças impostas pela reforma educacional Francisco Campos.⁵ De acordo com Marcia Regina Barros da Silva (2003) e Ana Nemi (2021), em 1933, o

⁵ A denominada “Reforma Francisco Campos” teve como objetivo a modernização do ensino secundário brasileiro para oferecer organicidade à cultura escolar do ensino secundário, com a fixação de medidas como o aumento do número de anos do curso secundário e sua divisão em dois ciclos, a seriação do currículo, a frequência obrigatória dos alunos às aulas, a imposição de um detalhado e regular sistema de avaliação discente e a reestruturação do sistema de inspeção federal. Conferir Dallabrida (2009).

número de inscritos para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo foi grande e as setenta vagas existentes não foram suficientes para abrigar os 119 inscritos que obtiveram a média para ingressar no curso pré-médico. A insatisfação dos candidatos excedentes no processo seletivo fez com que solicitassem a ampliação das vagas. Mas, unidos a um outro grupo, formado por professores que desejavam um novo espaço para o ensino superior de medicina em São Paulo, fundaram a EPM.

No início dos anos 1950, aquele era um centro profissional no qual circulava o conhecimento científico internacional. Pesquisadores de diferentes países do mundo frequentavam a EPM que, no final do ano letivo de 1954, já havia formado 1.366 médicos. O desenvolvimento institucional foi impulsionado pelo financiamento da FR que, a partir de 1956, fomentou a criação de laboratórios e os intercâmbios (Batista, 2024). A federalização da instituição foi importante para que a agência internacional oferecesse o auxílio, mesmo que o Hospital São Paulo tenha sido transferido para a Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina, uma Sociedade Civil de direito privado:

Os bens que compunham a parte que dá frente à rua Botucatu, doravante Escola Paulista de Medicina, Instituto de Ensino Federal, passaram a pertencer à União; a metade do quarteirão que dava frente para a rua Napoleão de Barros continuou pertencendo à Sociedade Civil que, em 1960, passaria se chamar *Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM)*, Sociedade Civil e direito privado sem fins lucrativos, e manteria a administração e a propriedade do Hospital São Paulo e da Escola de Enfermeiras. O enorme passivo do hospital, assim como aquele adquirido pela Escola para dar contas dos novos prédios que se iam projetando e edificando, como o da Escola de Enfermeiras, teria que ser administrado pela SPDM que, assim, herdava boa parte da insolvência relatada (Nemi, 2021, p. 111).

A atuação da Rockefeller na EPM, nos anos 1950, fazia parte de um processo de modernização do ensino médico impulsionado pela agência internacional desde início do século XX, mas que se intensificou no contexto de Guerra Fria, por meio do financiamento às ciências básicas e com apelo à ideia de desenvolvimento. De acordo com David Ekbladh (2010), o desenvolvimento é importante para compreender como os Estados Unidos confrontaram sistemas ideológicos quando estes emergiram como ameaças. Entre as muitas maneiras pelas quais as potências tentavam exercer o controle

sobre o recém-categorizado “Terceiro Mundo” estava o desenvolvimento, que apresentava distinções do Império moderno. Não mais impulsionado por exploração e subjugação genuínas, buscou o “controle e melhoria”, o que dificilmente significava que fossem puros. A modernização integrou o desenvolvimento no estabelecimento de uma hegemonia global americana, projeto nem sempre humanitário, mas sempre estratégico (Ekbladh, 2010).

No caso da EPM, o processo de modernização se deu vinculado diretamente à tentativa de conter o avanço do comunismo na América Latina. No excerto de uma correspondência escrita por Robert Watson deixava-se transparecer os interesses da agência para o investimento: “Relacionado às implicações políticas dos itens de pauta do MEPH [Programa de Educação Médica e Saúde Pública] de abril: eles podem fazer muito para neutralizar a propaganda comunista no Brasil contra os Estados Unidos (Robert Briggs Watson to J. C. Burguer, 15 mar. 1953, p. 1).

É necessário destacar que, em outros casos, como o descrito por Marinho et al. (2024), a agência filantrópica não aplicou seus pressupostos anticomunistas. De acordo com os autores, o médico Zeferino Vaz, a quem se atribuiu a responsabilidade pela criação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto foi considerado um potencial comunista pelo Cônsul norte-americano. No entanto, a agência ignorou as evidências, pois pretendia criar uma “Johns Hopkins da América Latina” na USP/Ribeirão. A referência à universidade norte-americana dizia respeito à primeira instituição de ensino financiada pela Rockefeller e que adotou os pré-requisitos considerados importantes por ela. Entre esses aspectos estavam os pressupostos do Relatório Flexner, publicado em 1910 por Abraham Flexner, que mudou o ensino médico nos Estados Unidos. De acordo com Cueto e Palmer (2016), o novo modelo de treinamento médico emergente naquele país foi caracterizado pela experiência clínica nos hospitais de ensino, coordenado por um corpo docente em tempo integral e pela familiaridade dos alunos com o laboratório.

Para alcançar seus objetivos, a Rockefeller ofertou bolsas a agentes nacionais para formação nos Estados Unidos e Europa. A Divisão Internacional de Saúde apoiou 473 bolsistas na área de ciências médicas para profissionais latino-americanos, entre os anos de 1917 e 1951. Especificamente em relação ao Brasil, 443 bolsas de estudo foram concedidas nas áreas de agricultura e

ciências naturais; ciências médicas, da saúde e da população; e humanidades e ciências sociais, entre 1917 e 1962 (Cueto, 1994).

No ano de 1972, a Rockefeller propagava que o programa de bolsas se caracterizava, provavelmente, como a mais antiga atividade contínua da instituição. Ele se iniciou com a convicção, por parte de curadores e executivos da agência, de que o apoio à capacidade de liderança intelectual era essencial na realização dos objetivos para os quais a organização havia sido criada (The Rockefeller Foundation, 1972). A agência também fez elogios ao número e à qualidade dos jovens homens e mulheres que tiveram oportunidade de desenvolver seu potencial acadêmico e científico com o auxílio das bolsas, sendo muitos deles líderes em grandes universidades do mundo, escolas médicas, departamentos universitários ou grande centros de pesquisa, além de ganhadores do prêmio Nobel. Contudo, nem sempre os pesquisadores atendiam às expectativas da Rockefeller. Suas escolhas pessoais e acontecimentos da esfera local implicavam significativamente nas suas trajetórias (cf. Batista, 2023; Ferreira, Batista, 2024).

Sobre o fornecimento de bolsas da agência internacional para agentes locais da EPM:

Para a FR [Fundação Rockefeller], a qualidade dos docentes da EPM foi melhorada por bolsas de estudo e bolsas de viagem. O professor de bioquímica, por exemplo, passou um ano na França e nos EUA, e seu principal assistente passou dois anos nos EUA como bolsista. Suas esposas também eram formadas em bioquímica, atuavam como auxiliares no departamento, os acompanharam ao exterior e, de certa forma, acreditava-se que tivessem sido beneficiadas profissionalmente com a viagem [...] Não raro, as assimetrias de gênero, construídas social e culturalmente, impediam que mulheres esposas de cientistas fossem beneficiadas com uma bolsa própria (Batista, 2024, p. 11).

O professor e a esposa que estiveram na França e Estados Unidos eram José e Eline que, como outros financiados pela FR, visitaram centros de pesquisa referências internacionais para os assuntos aos quais se dedicavam. Assim como na viagem ao Canadá, realizada anos antes, ele foi o indivíduo financiado com uma bolsa institucional, enquanto ela tentou desenvolver outras estratégias que permitissem a sua viagem e formação. A análise do pedido de bolsa, feito por José Leal Prado de Carvalho à Rockefeller, é

elucidativa de como as normas de gênero se constituíram no seu programa de bolsas.

Uma bolsa, dois pesquisadores e a viagem ao exterior

Em 15 de junho de 1954, José Prado de Carvalho escreveu uma carta para Harry Miller Jr. com o seguinte conteúdo:

Como sabem, nosso laboratório tem se dedicado a pesquisas sobre vários aspectos da hipertensão experimental nos últimos anos. Nos últimos 2 anos, a purificação da hipertensina por cromatografia tem sido o principal tema de interesse de minha esposa, Eline S. Prado, química pela Universidade de São Paulo, mestre em Bioquímica pela Universidade McGill, Montreal, e assistente de Química Fisiológica desta Faculdade de Medicina desde 1951.

[...]

Para continuar esta parte da nossa pesquisa em condições mais favoráveis, gostaríamos de aprender técnicas de purificação da estrutura química de polipeptídeos no exterior. Alguns laboratórios nos Estados Unidos ou na Europa [...] seriam indicados para este tipo de trabalho.

[...]

Gostaríamos de saber se a Fundação Rockefeller consideraria a solicitação de minha esposa para uma bolsa de estudos para trabalhar o assunto acima mencionado também em laboratórios europeus ou se isso só seria possível nos Estados Unidos.

Claro, eu também iria trabalhar em um assunto relacionado aos nossos problemas e ajudar nos ensaios biológicos que fossem necessários para o trabalho dela. Nossa escolha, portanto, deve ser feita de forma que o local seja adequado para nós dois (PRADO DE CARVALHO para Miller Jr., 15 jun. 1954, p. 1).

Alguns aspectos se destacam na leitura do documento. O primeiro é o questionamento sobre porque José Leal Prado de Carvalho foi o porta-voz da sua esposa na correspondência. Muito provavelmente o fato de ser professor catedrático de Bioquímica lhe dava maior prestígio, inclusive, para possíveis negociações institucionais, frente ao cargo de assistente ocupado por ela. Outro motivo, que pode ser deduzido das afirmações já realizadas ao longo deste texto, podia ser a dificuldade de mulheres acessarem o financiamento nas ciências básicas, considerado um universo eminentemente “masculino”.

A segunda questão está no destaque atribuído à pesquisa de Eline Sant’Anna Prado na elaboração da correspondência. Por que a competência de uma mulher cientista, que já tinha um currículo consolidado na época, conforme demonstrado até aqui, precisava de uma carta escrita pelo seu

marido e validada por ele? A todo momento José Leal Prado de Carvalho se colocou numa posição de auxiliar do trabalho a ser desenvolvido por ela, inclusive, no suporte aos ensaios biológicos. Aquela seria uma forma de eliminar desconfiças de Miller Jr. sobre o trabalho científico realizado por uma mulher, tendo como garantia o próprio prestígio de José como cientista no auxílio à sua pesquisa?

Por fim, José Leal Prado de Carvalho demonstrava interesse em um arranjo de pesquisa que contemplasse os dois. Isso porque possuíam um plano de trabalho compatível, mas também porque eram casados. E, assim como na viagem realizada anteriormente ao Canadá, não pretendiam ficar distantes um do outro.

A resposta de Harry Miller Jr. a José Leal Prado de Carvalho, em 22 de junho de 1954, foi receptiva e indica que o brasileiro já o conhecia pessoalmente. Nela, afirma-se que a ausência de informações sobre o local exato para onde se desejava viajar e quanto tempo ficariam no exterior tornava quase impossível responder ao cientista. Os quatro laboratórios citados pelo médico brasileiro tinham prioridades de pesquisa diferentes, o que sugeria uma consulta ao Dr. Gerard R. Pomerat, responsável pelas atividades da Divisão na Europa, acerca do melhor destino para o casal. Um trecho que chama a atenção, e que diz respeito ao pedido de bolsa para Eline Sant'Anna Prado, é o seguinte:

Voltando à sua investigação sobre a possibilidade de bolsa para a sua esposa, só posso dizer que em raras ocasiões concedemos bolsas a mulheres, mas o Comitê dá preferência aos homens pela simples razão de que há mais garantias de que permaneçam no trabalho científico e há mais esperança que os jovens possam eventualmente acender a altos cargos como professores ou diretores de institutos de pesquisa (Miller Jr. para Prado de Carvalho, 22 jun. 1954, p. 1-2).

Miller Jr. já utilizava os argumentos que repetiria na entrevista da década de 1970, citada anteriormente. E, ao mesmo tempo que expunha sua preferência pelos cientistas homens, questionava se o médico brasileiro já teria algum financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ou da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento Profissional de Nível Superior (Capes), ambos criados em 1951, para aquela viagem. Aparentemente sondava o interesse de José Leal Prado de Carvalho

em uma bolsa para si, ao invés de para Eline Sant'Anna Prado. Por fim, solicitava que uma carta fosse escrita com brevidade e mais informações, para se verificar a viabilidade da concessão.

A resposta, com o detalhamento das questões realizadas por Miller Jr., afirmou que o casal de pesquisadores trabalhava em aspectos de pesquisa semelhantes, mas com focos diversos. A hipertensão arterial tinha dimensões químicas e fisiológicas e:

Embora estejamos bastante familiarizados com o trabalho um do outro, acredito que ela esteja mais bem preparada do que eu para trabalhar na estrutura química de polipeptídeos. Sendo química, mestre em Bioquímica pela Universidade McGill e tendo me interessado por polipeptídeos desde sua colaboração [...] com Rocha e Silva na purificação da bradicinina pensei que ela aceitaria uma bolsa para se dedicar a trabalhar mais profundamente nesta área (Prado de Carvalho para Miller Jr., 5 jul. 1954, p. 1).

Além das informações sobre os ótimos resultados da pesquisa de Eline Sant'Anna Prado, José Leal Prado de Carvalho afirmou que mesmo sendo uma mulher – a quem socialmente se esperava a dedicação exclusiva ao trabalho doméstico –, ela sempre trabalhou com pesquisa. Naquele momento eles tinham duas filhas, uma de dois e outra de quatro anos, e ela estava empregada na EPM, em tempo integral, com remuneração do CNPq. Portanto, “as probabilidades de que ela permaneça na pesquisa são muito altas” (Prado de Carvalho para Miller Jr., 5 jul. 1954, p. 2).

Inicialmente, José Leal Prado de Carvalho tinha a intenção de conseguir para si o financiamento de uma agência nacional, contudo, a situação financeira do CNPq não era favorável. Ele também disse acreditar que a Rockefeller não poderia lhes oferecer uma bolsa. Mas que, após a resposta de Miller, compreendeu que havia uma possibilidade: “Se você acha que eu mesmo devo me candidatar, o mesmo vale para nós e, neste caso, teríamos que conseguir algo para minha esposa da Capes ou do CNPq” (Prado de Carvalho para Miller Jr., 5 jul. 1954, p. 2). Seria necessário deixar os filhos no Brasil e, mesmo assim, viver com 200 dólares no exterior era impraticável. Desejavam partir de São Paulo no início de 1955, mas isso dependia dos arranjos da Rockefeller.

Ao que parece, o casal percebeu a intenção de Miller Jr. em beneficiar José Leal Prado de Carvalho com uma bolsa. Para eles, importava o

financiamento, mesmo que não pudessem escolher quem seria o titular e mesmo que Eline Sant'Anna Prado estivesse à frente de José na investigação científica. Diante das normas impostas socialmente, que privilegiavam a atuação do homem enquanto profissional, coube à eminente cientista a conivência com a concessão da bolsa para seu marido, como parte de uma estratégia adotada pelo casal, com o intuito de viajarem juntos e de que a cientista também fosse beneficiada.

Em 14 de julho de 1954, os professores F. Maffei e J. Costa Ribeiro, do CNPq, afirmavam que se uma bolsa fosse concedida a José Leal Prado de Carvalho, a agência brasileira providenciaria a viagem da sua esposa com salário em tempo integral (HMM, 14 jul. 1954), mas não é possível verificar se isso ocorreu na prática.

Na carta da secretária da agência internacional, Flora Rhind, de 16 de novembro de 1954, em que se comunicava a aprovação da bolsa para o cientista, informava-se que ele receberia 84.000 francos franceses e um subsídio familiar de 50.000 francos franceses no caso de Eline Sant'Anna Prado viajar junto com ele. Da mesma forma, em caso de viagem para os Estados Unidos, receberiam \$255 relativos ao valor da bolsa, acrescidos do subsídio familiar de \$ 100 (RHIND para Prado de Carvalho, 9 nov. 1954). O pagamento de um valor a mais pode ser indicativo de que Eline Prado não conseguiu um financiamento próprio com outra agência brasileira. Destaca-se que, já na década de 1920, um dos muitos fatores que influenciavam os brasileiros em aceitar uma bolsa da Rockefeller estava a possibilidade de viajar com a família. Candidatos como Mario Andrea Santos, da Faculdade de Medicina da Bahia, tiveram o nome aprovado, mas desistiram em função dessa questão (Batista, 2020b).

O laboratório escolhido para a investigação internacional do casal Prado foi o de Claude Fromageot, formado inicialmente no Instituto Nacional Agrônômico da França. Após um ano no College de France, Fromageot passou mais um ano como assistente de Victor Henri, em Zurique. Em 1928, viajou como bolsista Rockefeller para Berlin-Dahlem, onde trabalhou no laboratório de Carl Neuberg. Em 1929, tornou-se diretor do Laboratório de Bioquímica da Faculdade de Ciências de Lyon, onde permaneceu (com uma interrupção de dez meses em 1933, passado na Universidade de Wisconsin, em Madison) até ir para Paris em 1946, quando se tornou diretor do Laboratório de Química

Biológica da Faculdade de Ciências, e professor de Bioquímica na Sorbonne desde 1954. Seus primeiros trabalhos foram dedicados principalmente ao estudo de fermentações bacterianas, particularmente à relação entre fermentação e respiração em *Propionebacterium pentosaceum* (Nature, 15 feb. 1958, p. 454). O pesquisador recebeu Eline e José no Laboratório de Química Biológica e acreditava que os trabalhos que eles desenvolviam sobre hipertensão eram muito interessantes.

O casal Prado chegou a Paris em 25 de fevereiro de 1955. Se apresentou no escritório da Rockefeller e rapidamente iniciou o trabalho com Fromageot, que após 3 semanas forneceu uma primeira impressão: “extraordinariamente boa tanto como cientistas quanto como pessoas amigáveis e cooperativas” (Interview, 23 mar. 1955, p. 1). No início de maio, José Prado solicitou a Harry Miller um arranjo para visitar laboratórios importantes de Londres e discutir com Dr. W. S. Peart que, sob a direção do Dr. Porter, escreveu um artigo sobre a purificação da hipertensina (Prado de Carvalho para Miller Jr., 2 maio, 1955, p. 1). Ocorre que ao chegar na Inglaterra, enquanto trabalhavam em lote de hipertensinogênio, foram informados de que Peart, que trabalhava naquele momento no laboratório do Dr. Martin, anunciou ter conseguido a purificação da hipertensina (Prado de Carvalho para Miller Jr., 5 jun. 1955).

Nessa mesma viagem, Eline e José visitaram outros espaços como o Centro de Ciências Fisiológicas, em Oxford, se reuniram com pessoas em Cambridge e, no retorno a Paris, se convenceram de que era melhor deixar o trabalho com hipertensão, pois nas condições em que se encontravam, era praticamente impossível competir com outros interessados no mesmo assunto. Chegaram a um problema diferente de pesquisa, que seria a localização de hipertensinogênio, por eletroforese, em coluna de uma fração plasmática (Prado de Carvalho para Miller Jr., 5 jun. 1955). Cientes de que o seu principal objetivo de pesquisa havia sido recentemente alcançado por outro pesquisador, rapidamente os cientistas comunicaram à Rockefeller a readequação da investigação.

O trabalho de qualidade realizado pelos cientistas brasileiros gerou uma solicitação para prorrogação da bolsa de José Leal Prado de Carvalho por mais seis meses, para permanecer mais um tempo no laboratório de Fromageot e passar algum tempo no laboratório de Goldblatt, na Western Reserv University, em Cleveland, Estados Unidos (Fromageot para Prado de Carvalho, 15 set. 1955).

A solicitação foi aceita, com o consentimento da EPM para postergar seu retorno ao Brasil:

Seria para nós, da Escola Paulista de Medicina, motivo de satisfação poder contar com seus bons ofícios junto à Fundação Rockefeller, no sentido de ser prorrogada por mais 6 meses a bolsa concedida ao Prof. José Leal Prado de Carvalho. Estamos convencidos de que ele aproveitará ainda mais a sua estadia no estrangeiro neste período de acabamento do novo edifício destinado aos Laboratórios de Farmacologia e Bioquímica e que V. S. visitou recentemente em companhia do Prof. Ribeiro do Valle (Freitas para Miller Jr., 6 out. 1955, p. 1).

Chegaram nos Estados Unidos em 5 de janeiro de 1956. Com o passar do tempo, menções a Eline Sant'Anna Prado ficaram cada vez mais ausentes das correspondências trocadas entre José Prado e membros do *staff* da FR. Antes uma referência frequente, parece ter sido “esquecida” pelos membros da agência filantrópica internacional que, possivelmente, considerava que ela ocupava o seu papel mais importante, o de esposa. Isso, no entanto, não quer dizer que a pesquisadora estivesse dedicada exclusivamente às atividades do lar. Manteve o seu trabalho de laboratório ao lado de José Leal Prado de Carvalho, consolidando-se, cada vez mais como uma das suas principais parcerias profissionais.

Ela reapareceu nos últimos registros sobre José Leal Prado de Carvalho, em pedido para prorrogação de seu visto, que vencia em 2 de julho de 1956, até a data de retorno ao Brasil, em 30 de agosto do mesmo ano. Em Cleveland, suas filhas (Alice Prado, de 6 anos e Lia Prado, de 4 anos) se juntaram a eles. Por isso solicitaram viajar em um navio cargueiro e não no S.S. Brazil ou S. S. Argentina, que por muitos anos transportaram tantos bolsistas entre os Estados Unidos e o Brasil (Prado de Carvalho para Greenfieldt, 7 maio 1956). O pedido não foi atendido.

Em um trecho do diário de Fromageot, de 24 de maio de 1956, é possível encontrar um indício do modo como as relações pessoais e profissionais foram construídas pelo casal no exterior. Ele afirmou que uma perda importante para o laboratório foi a saída dos Prados, quando ele “os considerava umas das melhores pessoas que já esteve aqui [no seu laboratório em Paris] (Fromageot, 24 maio 1956, p. 1).

Considerações finais

De acordo com Michele Perrot (2007, p. 17), “As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio”. Quando enveredamos por determinados campos da experiência feminina, menos informações são encontradas, o que não impede a tentativa de reconstituir histórias. Eline Sant’Anna Prado é uma das muitas mulheres das ciências que permanecem pouco visibilizadas na historiografia, inclusive, em sua contribuição para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Em um contexto de acesso restrito a financiamento da FR por parte de mulheres para ciências básicas, ela se candidatou, pela correspondência de seu esposo e parceiro profissional, a uma bolsa de estudos no exterior com a finalidade de continuar pesquisas desenvolvidas no Brasil. Diante de uma resposta negativa, em função do posicionamento dos agentes da Rockefeller em relação a bolsas para mulheres e do receio que elas abandonassem o campo profissional, que demarcava fortemente fronteiras de gênero nas ciências brasileiras, Eline Sant’Anna Prado consentiu com a titularidade da bolsa para José Leal, como meio de viabilizar a tão almejada viagem.

A experiência de pesquisa e o programa de trabalho da cientista foram ressaltados na maior parte do tempo pelo *staff* da agência internacional, o que denota a sua importância nos estudos sobre a hipertensão. Mas é necessário destacar que o fato de não ser a pesquisadora titular da bolsa impediu que se soubesse mais sobre as suas aspirações, sobre as suas frustrações, sobre suas concepções de ciência e de mundo. Mulher, mãe de duas filhas pequenas que deixou no Brasil – fato pelo qual deve ter sofrido críticas em meio à sociedade paulista dos anos 1950 – seguiu em busca da realização pessoal e profissional. No seu retorno ao país continuou a parceria com José Leal Prado de Carvalho (Foto 1).

Figura 1 – Eline Sant'Anna Prado e José Leal.



Fonte: José e Eline (s.d.).

Ao longo desta análise, observa-se a atuação dos indivíduos e o papel que uma bolsa da Rockefeller teve em experiências que, certamente, impactaram as suas descobertas científicas. Mesmo a partir de documentos que registraram prioritariamente a trajetória de um bolsista homem, é possível tentar visualizar experiências femininas, importantes para tantas outras mulheres que atualmente também almejam ser cientistas e que ainda presenciam desigualdades de gênero no acesso ao financiamento.

Referências

APRÍGIO DE CARVALHO JR. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/centenario/aprigio-de-carvalho-junior>. Acesso em: 24 jun. 2025.

AUTOBIOGRAPHICAL NOTES. **José Leal Prado de Carvalho**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, s.d.

BATISTA, R. dos S. “Nós não compreendemos exatamente o que ela quis dizer com ‘vômito negro’”: Fundação Rockefeller, ciência e a epidemia de febre amarela de 1926. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 713-739, 2021.

BATISTA, R. dos S.; FERREIRA, L. O. Como se tornar um bolsista da Fundação Rockefeller: trajetórias de médicos do Instituto Oswaldo Cruz em formação na Universidade Johns Hopkins (1919-1924). **Topoi**, v. 22, n. 47, p. 450-473, 2021.

BATISTA, R. dos S.; PORTO, P.; FERREIRA, L. O. Trajetória global e negociações locais: Augusto Tito de Moraes e as estratégias da Fundação Rockefeller para institucionalização da Medicina Preventiva (1961-1962). In: BATISTA, R. dos S. *et al.* (Org.). **História das ciências e da saúde**: tendências, temas e arquivos. São Paulo: Hucitec, 2023. p. 71-95.

BATISTA, R. dos S. A formação inicial de Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto: uma trajetória rumo à saúde internacional. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 26, n. 3, p. 801-822, 2019a.

BATISTA, R. dos S. A modernização do ensino na Escola Paulista de Medicina e a Fundação Rockefeller, 1956-1962. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 31, 2024.

BATISTA, R. dos S. Bolsas da Fundação Rockefeller para estudo na Johns Hopkins University: o caso do sanitarista Heraclides Cesar de Souza Araújo. **História Revista**, v. 25, n. 2, p. 224-245, 2020a. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/63402>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BATISTA, R. dos S. Bolsistas da Fundação Rockefeller e a internacionalização da saúde brasileira: viagens de médicos da Faculdade de Medicina da Bahia aos Estados Unidos (1920-1945). In: BATISTA, R. dos S.; SOUZA, C. M. C. de; SILVA, M. E. I. N. da (Org.). **Quando a história encontra a saúde**. São Paulo: Hucitec, 2020b.

BATISTA, R. dos S. De Baltimore às “Lavras Diamantinas”: internacionalização/interiorização da saúde na Bahia (1920-1930). **Tempo**, v. 26, n. 2, pp. 430-453, 2020c. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042020000200430 Acesso: 12 set. 2020.

BATISTA, R. dos S. Educação e propaganda sanitárias: desdobramentos da formação de um sanitarista brasileiro na Fundação Rockefeller. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 26, n. 4, p. 1189-1202, 2019b.

BATISTA, R. dos S. Os limites do financiamento de bolsistas da Fundação Rockefeller: Maria Palmira Macedo Tito de Moraes e a enfermagem internacional (1936- 1966). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 30, 2023.

BATISTA, R. dos S.; SOUZA, C. M. C. de. O curso da epidemia: a Fundação Rockefeller e os surtos de febre amarela na Bahia em 1926. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, v. 17, n. 30, p. 219-243, 2020. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/787. Acesso em: 17 out. 2025.

BATISTA, R. dos S. **Sífilis e reforma da saúde na Bahia (1920-1945)**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Hucitec, 2025.

BENCHIMOL, J. L. (Coord.). **Febre amarela**: a doença e a vacina, uma história inacabada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001

CUETO, M. (ed.). **Missionaries of science**: The Rockefeller Foundation and Latin America. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

CUETO, M.; PALMER, S. **Medicina e saúde pública na América Latina**: uma história. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

CUETO, M. As ciências biomédicas e a Guerra Fria. In: GOMES, A. C. V.; MARQUES, R. de C. C. (Org.). **A ciência no ICB UFMG**: 50 anos de história. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 201-205.

DALLABRIDA, N. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, v. 32, n. 2, p. 185-191, 2009.

EKBLADH, D. **The great american mission**: modernization e construction of na american world order. Nova Jersey: Princeton University Press, 2010.

ELINE SANTANA PRADO. **Autobiographical Notes**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, s.d.

FARLEY, J. **To cast out disease**: a history of the International Health Division of the Rockefeller Foundation (1915-1951). Oxford: Oxford University Press, 2004.

FERREIRA FILHO, A. H. **Quem pariu e bateu que balance!**: mundos femininos, maternidade e pobreza em Salvador, 1890-1940. Salvador: Centro de Estudos Baianos. 2003.

FERREIRA, L. O.; BATISTA, R. dos S.. Do sertão da Bahia a Toronto: a trajetória profissional da enfermeira diplomada Haydée Guanais Dourado (1931-1942). **Revista de História**, n. 183, p. 1-29, 2024.

FERREIRA, L. O.; BATISTA, R. dos S. Do sertão da Bahia a Toronto: a trajetória profissional da enfermeira diplomada Haydée Guanais Dourado (1931-1942). **Revista de História (São Paulo)**, p. 1-29, v. 183, 2024.

FREITAS para Miller Jr. **Correspondence**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 6 out. 1955.

FROMAGEOT para Prado de Carvalho. **Correspondence**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 15 set. 1955.

FROMAGEOT. **Diary**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 24 maio 1956.

HMM. **Excerpt**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 14 jul. 1954

INTERVIEW. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 23 mar. 1955, p. 1.

JOSÉ E ELINE. Disponível em:
https://static.wixstatic.com/media/303288_37cedc3b1a164d50abfd957871b8281

f~mv2.jpg/v1/fill/w_229,h_281,al_c,q_80,usm_0.66_1.00_0.01,enc_auto/303288_37cedc3b1a164d50abfd957871b8281f~mv2.jpg. Acesso em: 21 jun. 2025.

JOSÉ LEAL PRADO DE CARVALHO. Disponível em: <https://cienciaecientistas.unifesp.br/cientistas-unifesp/jos%C3%A9-leal-prado-de-carvalho>. Acesso em: 6 mar. 2025. s.d.

JULIANO NETO, L Eline Sant'Anna Prado, a química entre os médicos. In: MAGALHÃES, L. E. (Org.). **Humanistas e cientistas do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2015.

LOPES, G. **O feroz mosquito africano: o *Anopheles gambiae* entre o silêncio e sua erradicação**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

MARINHO, M. G. da S. M. da. Elites em negociação: breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo (1916-1931). In: MARINHO, M. G. da S. M. da C.; MOTA, A. (Org.). **Caminhos e trajetos da filantropia científica em São Paulo: a Fundação Rockefeller e suas articulações no ensino, pesquisa e assistência para a medicina e saúde (1916-1952)**. São Paulo: Faculdade de Medicina/USP; Universidade Federal do ABC; CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013, p. 81-175.

MARINHO, M. G. S. M. da C. et al. The modernization of medical education in Brazil: Rockefeller Foundation funding and the Ribeirão Preto Medical School in a development context (1951-1964). **Historia Crítica**, n. 93, p. 53-78, 2024.

MARINHO, M. G. S. M. da C. A Fundação Rockefeller e a expansão da agenda científica em São Paulo: um percurso com Harry Miller Jr. entre as décadas de 1940 e 1950. In: SÁ, M. R.; SÁ, D. M. de; SILVA, A. F. C. da (Org.). **As ciências na história das relações Brasil-EUA**. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2020. pp. 251-264.

MARQUES, R. de C. O “Viveiro” de Baeta Vianna: a formação de médicos-cientistas na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (1925-1949). **Revista História: Debates e Tendências**, v. 21, n. 3, p. 170-189, 2021.

MILLER JR. para Prado de Carvalho. **Correspondence**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 22 jun. 1954.

MILLER JR., H. **Depoimento, 1977**. Rio, FGV/CPDOC – História Oral, 1991 (História da Ciência – Convênio FINEP/CPDOC), 1991.

MOTA, A. **Tropeços da medicina bandeirante: medicina paulista entre 1892 e 1920**. São Paulo: Edusp, 2005.

NATURE. **Obituaries:** Claude Fromageot. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/181453b0.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025. 15 feb. 1958.

NEMI, A. **Entre o público e o privado: Hospital São Paulo e Escola Paulista de Medicina (1933-1988)**. São Paulo: Fapesp; Hucitec, 2021.

PALMER, S. **Gênese da saúde global**: a Fundação Rockefeller no Caribe e na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2015.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PINTO, C. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

PORTO, P. Em nome da “neutralidade”: as dinâmicas nas políticas de financiamento científico no ICB. In: GOMES, A. C. V.; MARQUES, R. de C. C. **A ciência no ICB UFMG**: 50 anos de história. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021. pp. 199-237.

PRADO DE CARVALHO para Greenfieldt. **Correspondence**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 7 maio 1956.

PRADO DE CARVALHO para Miller Jr. **Correspondence**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 5 jul. 1954.

PRADO DE CARVALHO para Miller Jr. **Correspondence**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 2 maio, 1955.

PRADO DE CARVALHO para Miller Jr. **Correspondence**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 15 jun. 1954.

PRADO DE CARVALHO para Miller Jr. **Correspondence**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 5 jun. 1955.

RHIND para Prado de Carvalho. **Correspondence**. RAC. RF, RG 10.1, Series 305.E, Box 90, Folder 1658, 9 nov. 1954.

ROBERT BRIGGS WATSON to J. C. Burguer. **Correspondence**. RF, RG 1.2, Series 305.A, FA# 387, Box 5, Folder 40. 15 mar. 1953.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 17 out. 2025.

SILVA, M. R. B. **Estratégias das ciências**: a história da Escola Paulista de Medicina (1933-1956). Bragança Paulista: Edusf, 2003.

THE ROCKEFELLER FOUNDATION. **Directory of fellowships and scholarships (1917-1970)**. Nova York: The Rockefeller Foundation, 1972.

TOURNÈS, L.; SCOTT-SMITH, G; (Ed.). **Exchange Programs, Scholarships and Transnational Circulations in the Contemporary World (19th-21st Centuries)**. New York: Berghahn Books, 2018.